

QUATROCENTOS ANOS DE FRUTICULTURA

(CONCLUSÃO) 13.10.54
ARMANDO MARTINS CLEMENTE

Nessa ocasião, chegou a São Paulo Benedito Marengo, que passou a cuidar das videiras de dona Veridiana Prado, que tinham sido importadas da Europa, por Luis Pereira Barreto.

Francisco, filho de Benedito Marengo, ao casar-se em 1897, foi morar na Chacara Marengo, que Benedito, em 1887, havia comprado na 6.a Parada, iniciando a fruticultura em grande escala e destacando-se na viticultura, como o maior produtor e viveirista da época. Com o tempo, tornou-se um dos grandes introdutores de novas variedades de frutas, em geral. Merece menção especial a introdução da uva Niagara, que se tornou mais tarde a variedade básica da viticultura paulista.

O dr. Amador da Cunha Bueno era um advogado apaixonado pela fruticultura que, por volta de 1898-1900, plantou videiras em Vila Cordeia, na 3.a Parada, chegando a colher cerca de 15.000 quilos de uvas. Possuía, também, videiros de mudas.

Emílio Cramer, em Osasco, no fim do século XIX, estabeleceu-se como viveirista e fruticultor, tendo-se notabilizado, sobretudo, como produtor de ameixas. No seu catálogo de 1910 encontramos mencionadas 31 variedades de ameixas, 108 de maçãs, 54 de peras, 46 de cerejas, etc.

Julio Conceição dedicou-se, principalmente à fruticultura de clima tropical e subtropical. Em 1909, levou a efeito o maior empreendimento frutícola da América do Sul, plantando nas Fazendas Paraíso e São Lourenço, perto de Piracicaba, laranjeiras em uma área de 120 alqueires. Malogrou sua iniciativa

porque ele não encontrou mercado para tamanha quantidade de frutas e, sobretudo, porque o transporte ferroviário — o único na época — era caro e deficiente. Não havia vagões ventilados ou frigoríficos e o longo tempo das viagens determinava a perda quase total da carga. Vendendo as propriedades a fim de evitar a bancarrota, Julio Conceição foi para Santos onde, no Parque Indígena, colecionou frutas tropicais, muitas das quais ele mesmo importou.

Outro fruticultor, que grangeou fama, foi João Maxwell Rudge, que, em sua propriedade, situada onde hoje é a Casa Verde, cultivou frutas de clima temperado, muitas por ele importadas.

Dona Veridiana Prado trouxe de Minas Gerais para trabalhar na sua "Chacara Carvalho", um jardineiro, João Dierberger, que, mais tarde, em 1893, com seu auxílio, abriu uma chacara entre a rua Augusta e Consolação, mantendo ali um viveiro de plantas frutíferas, mas que também possuía mudas frutíferas. Com o correr dos anos, tornou-se Dierberger grande importador de mudas frutíferas, montando uma grande organização até hoje existente, além de dedicar-se à fruticultura extensiva, em condições modelares.

Foi esse o grupo que, no fim do século passado, iniciou o período de renascimento da fruticultura, entre nós.

Na baixada litorânea, o grego Pedro di Metropolis, depois de um período em que se dedicou à venda de frutas, que trazia do Rio de Janeiro, nos trapiches de Santos, iniciou, em 1896, a exportação da banana nanica para a Argentina, fato esse que contribuiu, decisivamente, para a expansão da bananicultura no litoral paulista.

A cultura de laranja revestiu-se a princípio do caráter de cultivo doméstico, ao fundarem-se os povoados pelo interior do Estado. Posteriormente, as sobras da produção passaram a ser enviadas para São Paulo ou vendidas nas estações de estradas de ferro aos viajantes. Destacavam-se, dentre outras, as estações de Campinas, Limeira e Piracicaba. Nesta última, a portuguesa Cristina tornou-se conhecida pelas tangerinas que vendia.

André De Felici era um negociante de frutas de Limeira, que enviava a São Paulo as frutas, que adquiria, dos pomares de Joaquim de Camargo, Antonio Vaz, Antonio Camargo da Silveira e outros. Levou a laranja paulista, pela primeira vez, ao exterior, vendendo frutas embaladas em caixas de cebolas a Vicente Barone, o qual as exportou para a Argentina, de 1908-1910.

A laranja Bahia, que se tornou a base da citricultura nesse período, chegou ao nosso Estado em lombo de burro. Na Bahia, em 1550, um jardineiro português, conseguiu uma variedade de laranja seleta, cujos frutos possuíam umbigo e não apresentavam sementes; essa nova variedade foi denominada laranja Bahia e logo ganhou fama. Em 1870, chegaram à Fazenda Barreiro, da família Franco, em Limeira, 3 mudas de laranja Bahia, trazidas por tropeiros. Um portu-

guês, de nome Neves, conseguiu obter uma, depois de muitos rogos, plantando-a em sua chacara, que mais tarde passou a fazer parte da Fazenda Itapema, do major José Levy Sobrinho. O tronco dessa árvore foi recentemente oferecido, pelo major Levy Sobrinho, ao "Forum" Paulista de Fruticultura.

Não podendo nomear todos os que contribuíram para o desenvolvimento da citricultura, não podemos, entretanto, deixar de mencionar, como grandes incentivadores, o dr. Mario de Souza Queiroz, o major José Levy Sobrinho, Joaquim Augusto Monteiro de Barros, João Ferraz de Toledo e os engenheiros-agronomos Carlos Wright e Edmundo Navarro de Andrade.

A exportação para a Europa, em caixas semelhantes às utilizadas pelo comércio internacional, foi feita pela primeira vez em 1926, por João Dierberger Junior e dr. João Levy. As laranjas foram enviadas a Hamburgo e Londres. Dessa data em diante, a citricultura começou a desenvolver-se intensamente, e as laranjeiras começaram a ocupar as terras dos cafezais velhos de Limeira, Piracicaba, Campinas e Araras.

Em Sorocaba, a colônia espanhola, que havia plantado laranjas para negociar no mercado de S. Paulo, estimulada pela exportação, fez plantações que elevaram aquele município ao posto de segundo centro produtor do Estado, apenas cedendo o passo a Limeira.

Na Central do Brasil, em Taubaté, Felix Guisard, foi o grande incentivador, com o dr. Mariano de Alcântara em Caçapava, o dr. Lindolfo de Freitas, em Tremembé, e Nelson Malta, em Jacareí.

Também a viticultura desenvolveu-se nesse período. Depois do impulso dado por Pereira Barreto, dona Veridiana e Marengo, a cultura da uva firmou-se na região de S. Roque e desenvolveu-se, especializando-se na produção de vinhos. Posteriormente, Jundiaí, tendo à frente os Carbonari, surge como o principal centro produtor de uvas de mesa, com a Niagara.

Valinhos escolheu o figo como seu principal produto frutícola, graças à iniciativa no primeiro quartel deste século, de Lino Bussato, considerado o introdutor da referida cultura na região.

Em 1929, o abacate, depois de Dierberger haver importado variedades guatemalenses, mexicanas e antilhanas definidas, passou a ser cultura organizada. Em 1930, a Fazenda Monte d'Este seguia o exemplo de Dierberger.

Por sua vez, a mangueira continuou como cultura doméstica.

A fruticultura organizada no início do século fixou-se e desenvolveu-se até a segunda guerra mundial, quando se verificaram alterações no panorama geral. A fruticultura de exportação, como a dos frutos cítricos e a da banana sofreu uma paralisação, enquanto as demais, depois, de um período de indecisão tomaram impulso.

Após a conflagração, iniciava-se novo período, que é o que estamos atravessando no qual se observa um desenvolvimento sem precedentes na história da fruticultura, estimulada pelos preços remuneradores que oferece o mercado interno. O desenvolvimento das indústrias, iniciado durante a guerra, atraiu para as cidades populações da zona rural em busca de melhores salários. Surgiu, então, um poderoso mercado interno, que absorve grandes quantidades de frutas, a preços compensadores.

A citricultura, dizimada pela "tristeza", refez-se; a cultura da banana, não obstante algumas dificuldades com o mercado argentino, que é o maior consumidor dessa fruta, cresceu em volume; a uva vem sendo plantada, em ritmo acelerado, numa média de cerca de 1.500.000 mudas por ano; o figo, depois de lutar contra serios problemas, está em desenvolvimento; o pessego passou a ser cultivado comercialmente, com êxito, bem como a ameixeira, a maçã e o caqui. A pera, que fôra cultura de valor em S. Roque e arrabaldes de S. Paulo, ainda que não acompanha tecnicamente as anteriores, já mostra indícios de que em breve passará a ser cultura organizada. O marmelo, vencida a "entomospo-riose", refez-se, também. O abacate e a maçã são culturas comerciais de respeito. O abacaxi, não obstante o aparecimento de duas sérias pragas, está sendo plantado em quantidades colossais, mercê dos ótimos preços que obtém no mercado interno. A goiaba é hoje fruta de luxo.

Assim, pois, a fruticultura se está projetando, auspiciosamente, no cenário agrícola do País.

